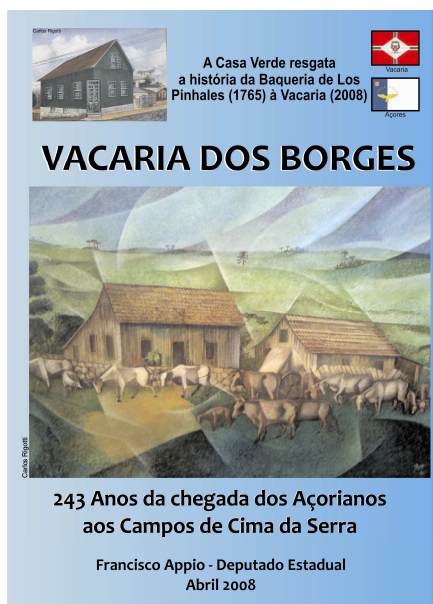
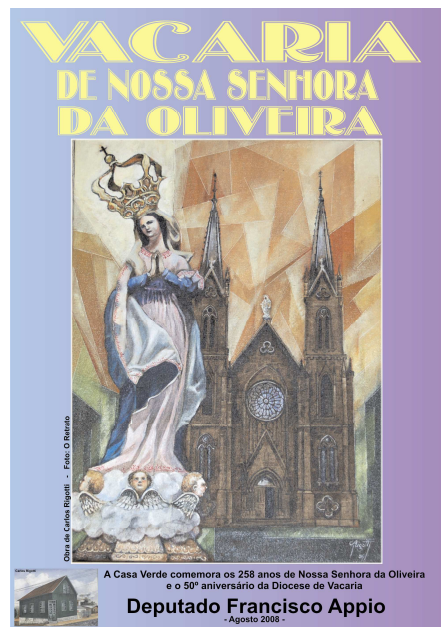
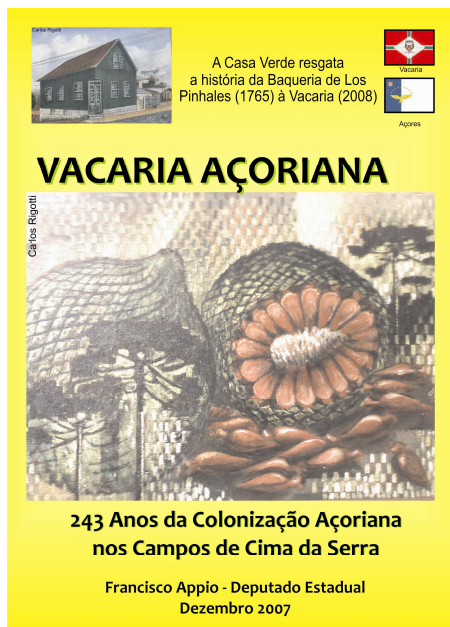


# "CONCURSO LITERÁRIO VACARIA AÇORIANA"



## REDAÇÕES SELECIONADAS

OBS: Os números ao lado de cada título são apenas para facilitar a distinção das redações, não tendo nenhuma ligação com avaliação ou nota, uma vez que as redações estão dispostas por ordem de inscrição.

# 1

## RAIZES AÇORIANAS EM VACARIA

Usando o caminho que ligava Curitiba, Laguna e Morro dos Conventos o Cel. Cristóvão Pereira, que estava em viagem de inspeção chega até o mato português em 1738, elabora um sedutor e extenso relatório que falava sobre as riquezas desta região. A partir daí começaram as intensas tentativas de povoamento destas terras que até então não tinham donos legítimos, onde seus únicos habitantes eram os povos indígenas.

Em 1740 chegaram os primeiros imigrantes açorianos. Depois de vários conflitos com muita fibra e coragem conseguiram finalmente se tornarem senhores desta terra tão almejada, mesmo que por um bom tempo eram proprietários de terras não legitimadas, procuraram se entender sobre um ponto de vista muito cordial, pois todos tinham o mesmo intuito.

Essas terras faziam parte das que eram pertencentes à coroa portuguesa, que eram dadas em sesmarias a quem as requeresse legalmente, como nem todos podiam o fazer neste tempo, muitos açorianos denominados posseiros por não possuírem títulos hábeis, ali se instalaram com suas famílias e começavam a usufruir as riquezas destas terras devolutas, ou seja, terras vagas ou desocupadas.

A data de 1752 marca os primeiros passos do governo português, no sentido de ser povoada Vacaria dos Pinhais, esse processo operou se lentamente sendo que em 1754, tinham sido doadas apenas quatro sesmarias em posses legitimadas. Assinala que também nos campos de Vacaria dos Pinhais, foram escritas com sangue as primeiras lutas da conquista portuguesa no Rio Grande do Sul, visto como este a ocupação foi violenta, gerando ódio o que levou nativos e açorianos a muitos reencontros sangrentos, cada vez que se tentavam novas posses. Entre tanto a migração ia crescendo pouco a pouco, o que os índios, não viam com bons olhos. Os novos ocupantes açorianos que ficaram para o lado da serra das antas eram constantemente atacados pelos índios em todas as ocasiões oportunas.

No dia 8 de setembro de ano imprevisto, foi encontrada uma imagem de Nossa Senhora da Oliveira, o que gerou a construção de uma capelinha, lugar que foi rapidamente povoado em seu redor. Em 21 de março de 1761 o vice rei de Portugal, reconhecendo Vacaria como um ponto estratégico, oficializou a criação da capela de Nossa Senhora de Oliveira que ficou pronta no dia 21 de dezembro do mesmo ano.

Dentre as primeiras estâncias que constituem Vacaria, uma até hoje conserva o nome de batismo “Nossa Senhora do Perpetuo Socorro”. Seu primeiro dono foi José de Campos Brandemburgo que a descobriu e a ocupou em época anterior a 1770.

Embora pai de uma única filha Clara Jorge da Silva, casada com o lagunense Manuel Rodrigues de Jesus, Brandemburgo, era considerado pai adão de vacaria, por que a ele se ligam por sangue, até hoje, muitas famílias que povoaram a região de Vacaria.

No ano de 1779, os imigrantes açorianos, sofreram com uma grande onda de violência imposta pelos índios, mas revidaram com uma ofensiva organizada pelo coronel Joaquim José Pereira, os imigrantes atacaram os índios fazendo os rumarem as selvas e não mais retornarem. Apesar disso as famílias remanescentes deixaram as terras vacarianas temendo novos ataques. O êxodo foi quase geral, limitado foi o número das famílias que permaneceram nas sesmarias do planalto, então os pioneiros e troncos de Vacaria que reiniciaram o povoamento passaram a ser as famílias:

- 1- João de Campos Brandemburgo e Maria do Rego Melo.
- 2- Manoel Rodrigues de Jesus e Clara Jorge de Melo.
- 3- Antonio Borges Vieira e Teresa Rodrigues de Jesus.
- 4- Manoel de Sousa Duarte e Maria Rodrigues de Jesus.
- 5- Antonio Manoel Velho e Inácia de Jesus Velho.
- 6- Inácio Fernandes do Reis e Páscoa Gonçalves de Jesus.

Do tronco Borges Vieira e Rodrigues de Jesus, nasceu Inácia Vieira, doadora do terreno da paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, é a venerada mãe Eva do planalto serrano, cujas sesmarias mais próximas foram suas ou de parentes e imigrantes contemporâneos.

Contudo se conclui que, Vacaria é um município o qual de muito respeito aos imigrantes açorianos, os quais lutaram bravamente contra índios, doenças, entre elas, um grande surto de varíola o qual dizimou metade da população na época e contra todo o tipo de moléstias e mesmo assim resistiram bravamente e provaram que com esforço, trabalho e principalmente com fé em sua padroeira, fé a qual os movia firmemente se consegue, formar uma cidade com as proposições, do município de Vacaria que conhecemos hoje em dia.

## 2

### AÇORIANOS EM VACARIA

Vacaria uma cidade de grandes valias, porém pouco investidas, faz neste ano 243 anos de colonização pelos primeiros portugueses que aqui chegaram, para desbravar estas terras, onde havia fartura de riquezas naturais, como os campos de araucárias, que faziam belas e imensas vista de paisagem, que engrandeceram se aos olhos de seus desbravadores açorianos.

Em meados do ano 1740 começam a surgir os primeiros portugueses com intenção de povoar as terras indígenas e acabam por entrar em confronto direto com os índios tendo que deixar por algumas vezes estas terras.

Mais tarde não mais temendo as investidas dos índios configuraram-se os pioneiros e troncos de Vacaria que reiniciaram seu povoamento:

1-João de Campos Brandemburgo e Maria do Rego Melo.

2-Manuel Rodrigues de Jesus e Clara Jorge de Melo.

3-Antônio Borges de Vieira e Tereza Rodrigues de Jesus.

4-Manuel de Souza Duarte e Maria Rodrigues de Jesus.

5-Antonio Manuel Velho e Inácia de Jesus Velho.

6-Inácio Fernandes dos Reis e Páscoa Gonçalves de Jesus.

Do entrosamento Borges Vieira e Rodrigues de Jesus nasce Inácia Vieira considerada a mãe Eva dona da sesmaria onde se situa a parte urbana de vacaria hoje, sendo a doadora do terreno onde hoje se encontra a Paróquia Nossa Senhora da Oliveira e ainda por este mérito leva o nome de uma das principais ruas da cidade.

Temos ainda e não menos importante, que mencionar a primeira estância a se formar em Vacaria, que ainda trás o nome de batismo "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", onde seu primeiro dono José Campos de Brandemburgo foi considerado o pai adão da região por dar inicio a colonização e formação das famílias da região que até hoje trás seus descendentes.

Contudo tem-se a necessidade de notar a importância desta colonização, pois trouxeram se os costumes, cultura e linguagem para engrandecer o que hoje conhecemos como a cidade de Vacaria.

### 3

## MEMÓRIAS DA FAZENDA SANTO ANTONIO DOS AUSENTES

Dividir a terra em lotes e distribuí-la a particulares foi o sistema de posse utilizada por Portugal.

A lei da sesmaria (medida de terra) remonta do ano de 1375.

Para ganhar uma sesmaria bastava um despacho do comandante militar ou governador, com posterior aprovação, de Lisboa em Portugal.

A terra concedida tornava-se propriedade hereditária e o dono tinha que pagar dízimos sobre o que produzisse.

Em 1718 aportaram os Portugueses, abrindo caminhos inclusive para tropeiros, pela Serra Velha posteriormente Serra da Rocinha, ligando Araranguá com os Campos de Cima da Serra, Lages a Sorocaba - SP.

Pela necessidade de transportar maior quantidade de cargas, possibilitando o tráfico sem perdas, foi o que levou a abrir novos caminhos.

Abriu-se então o caminho de Vacaria a Sorocaba passando pela Serra, assim levou muitos homens da região a negociar seus produtos entre litoral e serra.

O tropeirismo forte na época, foi um sistema social de extrema importância para a expansão e ocupação. Especializavam-se em muares e criação de gado que aumentou muito na região dos Pampas.

O tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu e Francisco de Souza Faria, abriram algumas povoações, que partindo de Viamão, passava em Santo Antonio da Patrulha, subia até os campos de Vacaria e Serra Geral.

Este primeiro, que pertencia á nobreza como tinha laços fortes com a coroa, foi concedido as primeiras sesmarias.

Neste contexto, situa - se as sesmarias dos “Ausentes” de Antonio Manoel Velho.

O topônimo “Ausentes” ficou explicado no fato de os primeiros donos nunca terem assumido as sesmarias, e as terras foram novamente leiloadas, seja por abandono de seus proprietários ou inexistência de seus sucessores.

Os últimos arrematadores foram três Paulistas: O padre Bernardo Lopes da Silva, tenente José Pereira e Manoel José Leão que venderam ao Português Antonio Manoel Velho. Após 24 anos da posse, pede registro legítimo e definitivo das terras da Fazenda Santo Antonio dos Ausentes.

Historicamente o maior latifúndio do Rio Grande do Sul. As três sesmarias conhecidas como dos Ausentes, no final abrangia uma área de 129.336,69 ha. passando de dez sesmarias. Aumentada também com o dote da esposa, (Fazenda Sant’Ana), Ana Gonçalves Vieira natural de Santo Antonio da Patrulha, com quem teve nove filhos.

Fazia parte dos campos de Vacaria, localiza-se entre as abas do planalto o oriente, o rio Pelotas ao norte, o rio das Antas ao sul, confinado a oeste com campos de diversos moradores.

Vagavam neste local mais ou menos cerca de cinqüenta mil cabeças de reses, mulas e cavalos chucros.

Com a morte de Antonio Manoel Velho em 1846, a Fazenda foi dividida.

Novamente a área foi subdividida em 1874, data do falecimento de Ignácio Manoel Velho, um dos herdeiros, que manteve o patrimônio de seu pai e ainda aumentou a área.

Nessa época a fazenda ficou famosa pela criação de gado da raça franqueiro.

Foi casado com Maria Ignácia de Souza, teve nove filhos, deixando a fazenda aos seus sucessores, um deles Joaquim Inácio Velho (Quinca).

Quinca, casou-se com a Lageana Valeriana Maria das Chagas, tiveram também nove filhos.

Por volta de 1925 a sede da Fazenda, já bastante dividida, ficou para um dos herdeiros Dionísio Joaquim Velho (Nizóca).

Atualmente Dalvone Borges Velho, 5ª geração da “ Família Velho”, mantém as porteiras abertas ao Turismo Rural na sede da Fazenda dos Ausentes, com acervo histórico cultural dos descendentes e também o colossal mangueirão de pedra com mais de 200 anos, que deve ser considerado entre as mais antigas construções do Rio Grande do Sul.

## 4

### Mulheres pioneiras do século passado

“História que não se registra se perde”. Graças a história registrada por José Fernandes de Oliveira, no livro Rainha do Planalto, edição de 1959, descobri que faço parte da nona geração descendente do patriarca Antônio Borges Vieira natural de Lisboa e residente em Laguna onde casou-se com uma lagunense.

“Dessarte, sem tardança, o inolvidável patriarca Antônio Borges Vieira, com sua pequena família que então se compunha somente da esposa e do primogênito, deixou Laguna em 1765 e foi procurar outras plagas apropriadas ao fim que tinha em vista. Aproveitou-se requerer posse em Vacaria, por lhe parecer campo azado para dar largas às suas boas intenções.” (Livro Rainha do Planalto pg. 25)

Eu me chamo Taiane Santi Martins nasci em 1988 e sou filha de Luiz Gilberto Ritter Martins (8.3) casado com Helena Maria Rodrigues Santi, meu pai filho de Luiz Fernandes Martins (7.5) e de Lídia Gassem Ritter. Meu avô paterno era filho de Almedorina Fernandes Bueno (6.2) e de José Otávio Meireles Martins. A “vó dona”, como meu pai chamava, era filha de Luiz Fernandes da Fonseca (5.2) e de Maria de Oliveira Boeno. Ele era filho de Maria Borges Vieira (4.4), já do tronco dos Borges, e de José Fernandes da Fonseca. Maria era filha de Manoel Borges Vieira (3.1) e de Gabriela Maria Correia de Almeida. Manoel era primogênito de João Borges Vieira (3), filho do patriarca Antônio Borges Vieira e de Tereza Rodrigues de Jesus. Nasceu em Vacaria e casou-se com Francisca Xavier Ribeiro.

Neste contexto vou falar de mulheres pioneiras, assunto que para mim não é difícil, pois nasci numa família onde as mulheres são guerreiras e sempre enfrentaram grandes desafios.

Do livro Rainha do Planalto com o título Vacariana Tradicionalista (pg. 184, primeiro parágrafo) cito: “Dona Maria Borges Vieira nasceu em Vacaria, onde passou toda sua preciosa existência, sempre voltada ao bem do próximo. Era conhecida ainda, pelos nomes de Mãezinha e Mãe Borges. Mãezinha – porque, enviuvando seu pai, assumiu ela os pesados encargos da casa, tendo como auxiliares algumas escravas de confiança”.

Esta é uma história da tataravó de meu pai, mas acredito que houveram muitas mulheres pioneiras, nesta grande família, que contribuíram com seu legado na formação do povo Vacariano, mas destaque especial eu quero dar a minha vó: Lídia Ritter Martins que nasceu em 1907, e faleceu em 2001. Ela foi a primeira fotógrafa mulher de Vacaria, ou melhor retratista porque assim eram chamados os que

tiravam fotos das pessoas. Ela veio de Cachoeira do Sul acompanhando seu cunhado Sargento Agnello Winter que fora transferido com o 3º Batalhão Rodoviário para Vacaria, foi quando conheceu meu avô, Luiz Fernandes Martins, ele ourives, nome dado à pessoa que fazia objetos de ouro e prata e consertava relógios. Casaram-se e passaram a morar na rua Ramiro Barcelos, onde ela tinha seu pequeno “studio”.

Começou a tirar fotos, nos seus 20 anos, ela mesma revelava e até usava uma técnica para colorir as fotos manualmente. Em Vacaria seu trabalho iniciou lá pelos anos 40 e foi até meados de 60. São poucas as famílias daquela época que não possuem retratos tirados e revelados pela dona Lídia.

Sem dúvida minha vó foi uma mulher pioneira, a frente de seu tempo e que deixou gravado seu trabalho e sua habilidade com fotos, colaborando enormemente para registrar a história de muitos momentos importantes das famílias Vacarianas.

Sendo assim, posso me orgulhar de minha vó, a qual conseguiu criar lindas fotografias sem toda a tecnologia e facilidade que hoje possuímos. Pode parecer corriqueiro agora, mas naquela época foi realmente um grande desafio.

## 5

### UM NORDESTINO DE CORAÇÃO GAÚCHO, ALMA VACARIANA DE ORIGEM LUSITANA: LUIZ AUGUSTO DE MEDEIROS BRANCO

Com o afluxo do homem branco na região dos Campos de Cima da Serra, houve a necessidade e o interesse de dividi-la em “Sesmarias”, facilitando a sua ocupação e o povoamento.

Surgiram então, no ano de 1765, os Paulistas, Mineiros, Paranaenses e principalmente Lagunenses, de origem Açoriana, a maioria Lusitana. Todos com um único objetivo tornarem-se proprietários de uma grande extensão territorial de terras e se apossarem do gado que nelas existiam e as povoavam. Foram, portanto, os primórdios e valorosos pioneiros do novo eldorado.

Mas, seguindo a linha do tempo, mais precisamente na data de 09 de novembro de 1845, oito meses após o fim da Revolução Farroupilha, embarcava em um navio na cidade do Rio de Janeiro, **Luiz Augusto Medeiros Branco**, natural de São Luiz do Maranhão, onde nascera em 16 de março de 1826, com destino ao Rio Grande do Sul. Seus pais, os portugueses Sebastião José de Araújo e Ana Gonçalves de Medeiros Branco, ambos oriundos de Lisboa, Portugal.

Luiz Augusto chega ao porto de Rio Grande em 17 de novembro de 1845, contava então com 19 anos de idade, permanecendo nesta cidade até a data de 08 de julho de 1847, quando se muda para Porto Alegre.

Por ato datado de 04 de agosto de 1847, é nomeado professor público da então “Freguezia de Nossa Senhora da Oliveira”. Com novo destino traçado, viaja para a terra em 12 de agosto e em 30 de agosto de 1847, abre a sua escola, vindo a tornar-se o “**PRIMEIRO PROFESSOR**” da Vacaria, aos 25 anos de idade.

A família Borges Teixeira construiu uma mansão, mais tarde ocupada pelo Dr. Elias Saadi, na Rua General Lima com a Rua Silveira Martins. Ali, o Cel. José Luís Teixeira, este natural de Cachoeira do Sul/RS, casado com a Sra. Rosa Borges Vieira, filha de João Borges Vieira e Francisca Xavier Ribeiro. Ele, filho de Antônio Borges Vieira (Lisboa/Laguna) e de Teresa Rodrigues de Jesus (Laguna/SC), casal que originou o tronco da família **BORGES VIEIRA X RODRIGUES DE JESUS**, constrói a primeira escola da Vacaria, tendo como professor público nomeado o Sr. **LUIZ AUGUSTO DE MEDEIROS BRANCO**, (meu tataravô). Permanece como professor até 14 de novembro de 1851, data em que solicita exoneração do cargo, por haver sido nomeado então o “**1º Tabelião Público Judicial e Notas**”, na consequência do vilamento de Vacaria, pela Lei Provincial de nº185 de 22 de

outubro de 1850, subordinada à Comarca de São Borja/RS, cargo este que deixa pela extinção da Comarca em virtude da Lei de nº227 de 16 de janeiro de 1857.

Com o novo cargo assumido, 28 dias após, em 12 de dezembro de 1851, torna-se genro do Cel.Teixeira, após declarar-se em versos para a sua prometida, já que era poeta por vocação, casando-se com Virgolina Maria Teixeira, 2ª filha do casal, numa prole de dez irmãos. Dessa união, nasceram diversos filhos, sobrevivendo-lhes apenas três: Ernesto, Olímpia e **Gaudêncio (meu bisavô)**.

Em 08 de outubro de 1858, é nomeado para ocupar o cargo de Capitão do Secretariado Geral do Campo Superior da Guarda Nacional da Comarca de Santo Antônio da Patrulha, a Vacaria/RS passava há pouco, ser designado o 4º Distrito deste município, por Carta Patente assinada pelo Imperador D.Pedro II e atestado em 12 de janeiro de 1859 por Antônio de Sampaio, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro de São Bento de Aviz, por petição despachada pelo então Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Conselheiro Diogo Ferraz.

Traço marcante de bondade de Luiz Augusto de Medeiros Branco é a alforria concedida aos seus três últimos escravos: Antônio, Gervásia e Margarida, comemorando com este ato, o primeiro aniversário de casamento de sua filha Olímpia de Medeiros Branco com João Batista Orsi, em 25 de fevereiro de 1885.

Exerce a medicina prática com proficiência, sem receber remuneração pelos serviços prestados aos muitos doentes que o procuravam.

Em 1894, já com 68 anos de idade, resolve iniciar a colonização de terras que possui na Serra das Antas, próximas a atual cidade de Antônio Prado/RS, assim como lança os fundamentos da florescente Vila do IPÊ, hoje município de IPÊ/RS.

Para a medição e demarcação das terras em lotes urbanos e rurais, contrata os serviços profissionais do Major Francisco Marcantonio. Este mede a praça, 85 lotes urbanos, 36 chácaras e 20 lotes rurais e, em seguida, e em seguida ergue-se a Capela sob a invocação de SÃO LUÍS DE FRANÇA.

No início, o povoado fica conhecido por “Formigueiro”, após Capela “São Luís” e por fim de “Vila Ipê”, 4º distrito de Vacaria/RS e atualmente município de IPÊ/RS, emancipado em 1988.

LUIZ AUGUSTO DE MEDEIROS BRANCO, o primeiro professor de ensino público da Vacaria/RS, faleceu em 16 de setembro de 1895 e seus restos mortais repousam no cemitério de sua própria fazenda, em IPÊ/RS.

Para ilustrar os porquês nos dias atuais, estou resgatando a história deste Nordeste de nascimento, mas gaúcho de alma e tradição vacariana, sigo a linha do tempo:

a) **Gaudêncio de Medeiros Branco** (filho) casa-se com **Joana Soares**, de descendência caingangue (meus bisavós): Dessa união nascem: Virgolina, Luís, Aquiles, Cândida, Luíza, **UNIVERSINO**, Pelágio e Mafalda.

b) **Universino de Medeiros Branco** casa-se com **Venina Rodrigues da Silva** (meus avós) e dessa união nascem: **Francisco Gonçalves**, José Canuto, Branca, Thereza, Pedro e Gilberto Gaudêncio.

c) **Francisco Gonçalves de Medeiros Branco** casa-se com **Ana Eda Rodrigues Branco** (meus pais) e dessa união, nascem os filhos: Luiz Edgar, Edacira, Venina e Ana Maria.

E nos dias de hoje, feliz em poder reproduzir um pouco da história da minha origem e pertencer à história da nossa Vacaria, dos Pinhais de antigamente aos Pomares atuais e mais recentemente as lavouras de milhos, trigos e de sojas:

d) **Luiz Edgar Rodrigues Branco** casa-se com **Maria Nilséia dos Santos Branco**, esta também com origens Lusitanas (Meireles Martins), e temos três filhos: Rafael, Daniele e Gabriele.

**“Temos consciência que não há volta ao passado, mas o passado revive em nós por seus valores desde que, façamos por merecê-los”.**

***Dr.Jarbas Lima/2006***



## **OS SEIS PRIMEIROS POVOADORES DE VACARIA E O TRONCO BORGES VIEIRA**

Era o ano de 1765. No vasto planalto dos Campos de Cima da Serra, a terra prodigiosa esperava seus povoadores.

De Laguna, os 06 casais: Antonio Borges Vieira e Teresa Rodrigues de Jesus; José de Campos Bandemburgo e Maria do Rego Melo; Manoel Rodrigues de Jesus e Clara Jorge da Silva; Manoel de Sousa Duarte e Maria Rodrigues de Jesus; Antonio Manoel Velho e Ignácia de Jesus Velho; Ignácio Fernandes dos Reis e Páscoa Gonçalves de Jesus, descendentes de açorianos, partiram em uma empreitada trabalhosa, cheios de fé, boa vontade, coragem e determinação para tomar posse e povoar a chamada Baqueria de los Pinhales, hoje a nossa bela de Vacaria.

Essa região era rica em gado que foram trazidos pelos jesuítas e aqui posteriormente abandonados. Vastos campos com boas aguadas, matas com muitos pinheiros araucária com seus frutos saborosos e madeira para suas casas, clima ameno no verão e invernos muito frios.

Porém, o acesso a esse planalto era difícil, caminhos abertos pelos tropeiros nas encostas dos rios e serras íngremes eram a única maneira de aqui chegar. Os desbravadores, além das dificuldades naturais, estavam sujeitos, muitas vezes, ao ataque de animais selvagens e índios que aqui habitavam e tentavam expulsar os homens brancos, seqüestrando, incendiando propriedades e outras contendas. Em 1779 houve grande conflito com os índios coroados obrigando muitas famílias açorianas a se deslocarem para outras regiões, abandonando assim esse planalto. As doenças, por vezes, dizimavam famílias inteiras, mas nada disso abalou os 06 casais que aqui chegaram, construíram suas casas no alto das coxilhas de onde se podia avistar de longe um possível ataque selvagem, prenderam e domesticaram o gado bravo sem dono nessas paragens, ergueram uma pequena ermida para proclamar sua fé à Senhora da Oliveira, trabalharam incansavelmente, progrediram e deram origem a nossa cidade.

Antonio Borges Vieira, considerado o patriarca de Vacaria, casado com Teresa Rodrigues de Jesus, tiveram grande descendência apesar de falecerem

muito cedo. Deixaram 10 filhos e 82 descendentes diretos que também tiveram grande prole. Quando aqui chegaram se estabeleceram no centro do planalto no lugar que denominaram Fazenda Sant'Ana, mais tarde chamada Fazenda dos Órfãos. Seu filho Francisco Borges Vieira que casou com sua prima Inácia Rodrigues Viera doaram em 1847 a área da cidade de Vacaria.

Ter muitos filhos antigamente era uma benção, era um sinal de continuação da família, do nome, da herança que seria cuidada pelos seus, era sinal de que haveria um futuro. Abençoados sejam esses povoadores, pais de muitos filhos, avós de muitos netos que por sua vez fizeram surgir um povoado, uma vila, uma cidade, essa cidade que muito amamos, pois se olharmos nossa árvore genealógica descobriremos que na verdade somos todos uma grande família, a grande família vacariana.



## Coronel Libório Rodrigues

Em um dos mais antigos jazigos existentes no Cemitério Municipal Santa Clara, imponente e erguido em pedra-moura, repousam os restos mortais de um dos maiores líderes que já viveram nesta terra de Vacaria. Na pequena lápide de mármore, consta a seguinte inscrição: Coronel Libório Rodrigues: 28/12/1848 – 29/07/1931. Libório Rodrigues descendia de um dos troncos pioneiros da formação vacariana: de um lado os Borges/Vieira e de outro, os Rodrigues de Jesus. Ele era filho de Antônio Francisco Rodrigues e Virgínia Maria Teixeira.

O Coronel Libório Rodrigues era casado com Tertulina Faustina de Oliveira e desta união nasceram os filhos José, Virgínia, Libório Antônio, Etelvina Francisca e Virgílio. A maior parte do tempo, o Coronel e sua família passavam na Fazenda da Estrela. Contudo, para as vindas à cidade, ele mandou construir, o sobrado dos Rodrigues, ainda existente no Centro de Vacaria, e tombado pelo Patrimônio Histórico do Município em 2007. Na fachada desse prédio há a seguinte inscrição: LAR (as iniciais do proprietário) em letras entrelaçadas, e a data de 1921, ano em que foi erguido.

Em torno da figura de Libório Rodrigues formou-se uma aura de chefe político, fundador do Partido Federalista em Vacaria e seu líder por quase três décadas. Foi, também, o grande chefe Maragato do município, e, mais tarde, presidente do Partido Libertador. Em 1876, elegeu-se vereador e juiz de paz. Grande latifundiário foi o proprietário da Fazenda da Estrela (Estância da Estrela), localizada a Nordeste da cidade de Vacaria, que chegou a ter 189.750 milhões de metros quadrados, ou em números de hoje, 1,8 mil hectares. Se somadas outras propriedades, seus bens chegavam perto dos 3 mil hectares. Ele era dono de mais de 9.000 cabeças de gado. Foi, também, até sua morte, presidente da comissão de obras da Catedral Nossa Senhora da Oliveira. Os sinos da majestosa Catedral vacariense, ainda existentes, foram doados por ele.

Muito se conta a respeito de Libório Rodrigues: o gaúcho destemido que lutou em 1893 e 1923, o homem leal e simples, o sujeito sensato, calmo, inteligente, educado, extremamente humano e prestativo, não obstante a grande fortuna. Contam que seguidamente fazia festas na Fazenda e convidava amigos de todos os cantos. Esses festejos duravam um ou dois dias, enquanto houvesse energia dos participantes para comer e dançar. A carne servida no churrasco devia ser de novilhos gordos e de graxa bem amarela, como gostava dona Tertulina. Caso a

graxa fosse branca, a carne era distribuída entre os peões da estância e nova rês era morta até ser encontrada aquela do gosto de “siá” Tertula.

A sede da Fazenda da Estrela, que ainda existe, era uma verdadeira fortaleza, e suas paredes de alvenaria tinham meio metro de espessura. A localização desse prédio sobressai como uma sentinela que olha sempre para a frente, para o horizonte. Contam, ainda, que ele, na época em que havia tão-somente dois partidos políticos, os maragatos e os ximangos, e as brigas pelo poder envolviam praticamente toda a pequena comunidade de forma permanente, tinha humanismo e sensibilidade suficientes para mandar avisar este ou aquele adversário quando sabia que gentes de seu partido preparavam algum ato hostil ou alguma bandidagem.

Figuras como Libório Rodrigues não existem mais no mundo agitado em que vivemos. Homem da palavra empenhada, do fio de bigode como documento, que recebia a todos com a simplicidade de um serrano e a todos dedicava cortesia e consideração. Foi um homem que, em seu tempo, deu sua contribuição para o município e, com seus gestos, contribuiu, à sua maneira, para fazer um mundo bem melhor.



## Revivendo o passado

A história de um povo, quando enriquecida por fatos populares, torna-se muito mais interessante. As raízes de uma família devem ser lembradas para que as futuras gerações não cresçam pensando que o que vale é apenas o presente. São os alicerces que fortalecem as atuais estruturas.

Após o estudo das raízes açorianas de Vacaria, descobriu-se que Antonio Pedro Bianchi, nascido em 28/06/1937 descende da família Oliveira, uma das pioneiras neste Município. Antonio é filho de Nicolau Bianchi e Maria Estacilia de Oliveira Bianchi. Antonio teve nove irmãos: José, Dercides, Francisca, Sebastião, Natalina, Ondina, Izaltina, João e Nina. Soube das histórias de sua família por ouvir falar de seu irmão José Bianchi, que passou sua vida no município de Canela e faleceu no Natal de 2005, aos oitenta anos, sem deixar descendência.

Nicolau Bianchi, filho de Orélio Bianchi, um italiano da região provável de Lombardia, que veio para o Rio Grande do Sul, em meados do século XIX, para refugiar-se da guerra e, de Páscoa, uma bugra que foi praticamente caçada, segundo ditos populares: “pegada a cachorro no mato”, no Morro Calçado, na região de Canela. Páscoa, sem sobrenome, era uma índia nativa com o “beijo furado” que anos depois veio para a região de Vacaria próxima a divisa com Lages. Ela e seu filho João se estabeleceram em uma fazenda e trabalhavam no cultivo da terra.

Maria Estacilia de Oliveira Bianchi era filha de João Pedro de Oliveira, que foi capitão das Forças Armadas e comandava uma tropa de soldados, e de Maria de Oliveira. Teve dois irmãos: Cezár, que residiu onde atualmente é a Cascata do Caracol, e José Pedro.

Páscoa quando livre possuía várias colônias de terras em Canela, mas foi desapropriada pelo vizinho, falecido Fator, que na época teria comprado o equivalente a quatro colônias, mas não gostou do lugar e resolveu “cercar” a parte pertencente à Páscoa, pois era um lugar mais bonito, onde atualmente é a Igreja de São Sebastião, no Morro Calçado. Páscoa sem lugar para morar, logo depois foi aprisionada pelo italiano Orélio, com o qual conviveu durante alguns anos e teve quatro filhos: Minot, Clara, Nicolau e João.

Minot era colono e ficou morando em Canela com a família: a esposa Verônica e os filhos Adão, Alzira, Pedro, Maria, Pedra, Julio e Silda, até o fim de sua vida. Clara, casou-se com José Pedro, filho de João Pedro de Oliveira, teve uma filha: Maria,

que casou com Saladir, e também residiram na mesma região. Nicolau faleceu ainda no período da gestação enquanto Maria Estacilia esperava Antonio, que só conheceu o pai por fotografias.

Após a morte de Páscoa, João ainda permaneceu nestas terras durante alguns anos, até que descobriu um “guardado de jóias preciosas e moedas de ouro” enterrado na sua propriedade e foi-se embora, para a região do Paraná, ninguém mais teve notícias dele, não deixou descendentes.

Maria Estacilia teve sua casa destruída pelo fogo, no ano de 1942, perdeu tudo o que tinha, inclusive documentos seus e dos filhos, tinha muito medo de falecer e ser enterrada como indigente, pois não tinha como comprovar sua identidade. Antonio, o filho mais novo, havia prometido, quando criança, para a sua mãe que quando crescesse e começasse a trabalhar ia comprar dentaduras para ela, entristecia-o muito ver a mãe com poucos dentes, considerava um grande sofrimento. Alguns anos depois do incêndio, quando Antonio conseguiu cumprir a promessa, sua mãe, já com idade avançada, não aceitou, preferiu reaver seus documentos, dos quais apenas foi encontrado o Batistério, na Catedral de Porto Alegre.

Antonio veio para Vacaria em meados de 1958, comprou um lote de terras onde hoje é o Bairro Imperial. Não tinha nenhuma casa naquele local. Trabalhava em serrarias na extração e corte de pinheiros. Casou-se com Lair Godinho em 1971 e em 1974 construiu moradia para sua família, tinham apenas uma filhinha de quase dois anos, chamada Eliane. No mesmo ano, trabalhou também na Industrial Madeireira, cortava “madeira de folha”, que é madeira de árvores nativas: angico, canela, cedro, pessegueiro bravo e pimenteiro, que depois de cortadas se transformavam em vários tamanhos e espessuras de tábuas, caibros, ripas, aduelas (usadas para construir barris), matajunta, quadrinhos (usados na confecção de cabos de vassoura).

Deixar-se envolver pelos laços do passado é reviver, é descobrir que o somos é fruto de muito trabalho e dedicação de pessoas que superaram obstáculos e, hoje podem dizer com orgulho que contribuíram em grande escala para uma sociedade mais comprometida com seus valores históricos.



## POVOADORES AÇORIANOS NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

### Notas sobre a presença açoriana no Planalto Serrano do nordeste rio-grandense

Até o início do século XVIII, a vastidão dos campos e matas de araucária de “Cima da Serra” – o Planalto Serrano do nordeste rio-grandense – era uma região erma, esporadicamente freqüentada pelos guaranis missioneiros que vinham em busca do numeroso rebanho de gado vacum alçado aí existente, destinado às reduções jesuíticas<sup>1</sup>. Por volta de 1736, a abertura do “Caminho de Viamão” e sua passagem pelo Planalto rumo a São Paulo, consistiu em obra da maior relevância, quando impulsionou o Ciclo das Tropas e integrou definitivamente o Sul ao território brasileiro, então português.

Facilitado o acesso e ocupação, foram concedidas sesmarias para o estabelecimento de fazendas de criação e fundada a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, em 1768. Para aí correu, com família, agregados e escravos, grande número de paulistas e de gente do reino, dentre eles os lisboetas Pedro da Silva Chaves, considerado fundador da atual cidade de São Francisco de Paula, e Antônio Borges Vieira, o “inolvidável patriarca” de Vacaria<sup>2</sup>.

Neste período, dirigiam-se ao litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul centenas de “casais” provenientes do Arquipélago dos Açores, alistados pela Coroa para a estratégica colonização das terras meridionais do Brasil em disputa com os espanhóis<sup>3</sup>.

Na medida em que adentravam o território e enfrentavam os reverses das guerras de fronteira, passando pela Ilha de Santa Catarina, por Laguna, Santo Antônio da Patrulha ou Gravataí, muitos ilhéus optaram em rumar Serra acima, onde a abundância de rebanhos e pastagens acenava-lhes com perspectivas de uma vida mais estável e promissora para seus descendentes. Foi então que a epopéia açoriana encontrou ressonâncias nos Campos de Cima da Serra, conforme já observara Manoel Duarte em 1930<sup>4</sup>.

Aí, mesclando-se aos demais povoadores, contribuíram de forma efetiva para a formação do homem serrano, introduzindo traços culturais, hábitos e costumes que se

---

<sup>1</sup> Fato que originou a denominação primitiva da região como *Baqueria de los Piñales*, que traduzido do espanhol, significa “Vacaria dos Pinhais”.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, José Fernandes de. *Rainha do Planalto*. Editora São Miguel, 1959, p. 21/25.

<sup>3</sup> FORTES, João Borges. *Os casais açorianos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978; PIAZZA, Walter F. *A Epopéia Açórico-madeirense 1748-1756*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

<sup>4</sup> DUARTE, Manoel. *No Planalto (Epizódios e paisagens sôbre o Nordêste Riograndense)*. Porto Alegre: Globo, 1930, p. 17.

preservaram ou modificaram, conforme as necessidades impostas pelo novo meio: o linguajar<sup>5</sup>, as cavalhadas e ternos de Reis<sup>6</sup>, a devoção ao Divino Espírito Santo, etc.

Dentre estas manifestações, é preciso destacar a devoção e as festas do Espírito Santo, muito populares e amplamente difundidas até o início do século XX nas comunidades de origem açoriana. Um de seus principais componentes era o “império” do Divino, pequena construção semelhante a uma capela, para onde se dirigia o “imperador” e seu cortejo, após a missa de coroação na igreja matriz. Com o acompanhamento da banda de música, de foguetes e da multidão, eram ali depositadas a coroa, o cetro e as bandeiras, objetos sagrados, alvo da afetiva veneração dos fiéis<sup>7</sup>.

Em Vacaria, o império, palco de concorridas festividades, localizava-se no lado leste da praça principal, conforme descrição da cidade feita em 1900<sup>8</sup>.

Pesquisas recentes têm trazido à luz dados relevantes sobre a contribuição açoriana no Planalto Serrano, sobretudo, demográfica: famílias tradicionais, como os Ramos, Ribeiro da Silva, Xavier Leite, Boeira, Motta, Dutra, Pereira Gomes, Fonseca e Paim, têm suas raízes nas Ilhas<sup>9</sup>.

Dentre os pioneiros, destaca-se Matheus José de Souza, angrense que participou com o capitão-mor Antônio Correia Pinto de Macedo da fundação da vila de Lages em 1766<sup>10</sup>, e Pascoal Vieira da Rosa, da ilha de São Miguel, que integrou a 1ª Cavalaria Auxiliar do Distrito de Vacaria em 1778<sup>11</sup>.

Algumas das antigas fazendas da região, com suas casas-grandes austeras, galpões e taipas de pedra centenárias, resistiram ao tempo para testemunhar o relevante papel do açoriano na formação da sociedade serrana: a da Estrela, de larga tradição, que foi de Fidélis José Ramos, neto de açorianos da ilha Terceira ligado à eminente família radicada nos vizinhos Campos de Lages, na margem catarinense do rio Pelotas; a da Ronda, de Esmenia Camargo Ramos, sobrinha de Fidélis Ramos; a fazenda Branca, do

---

<sup>5</sup> DUARTE, op. cit. p. 40/41.

<sup>6</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Vacaria dos Pinhais*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1978, p. 167 e 169.

<sup>7</sup> SANTOS, Fabiano Teixeira dos. *Generalidades e particularidades nas arquiteturas açoriana e luso-brasileira: considerações sobre os impérios do Espírito Santo*. Texto apresentado no Colóquio 260 anos de Herança Açoriana no Brasil Meridional – NEA/UFSC, Florianópolis, 2008.

<sup>8</sup> BARBOSA, op. cit. p. 44 e 168.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. *Aurorescer das Sesmarias Serranas – História e Genealogia*. Porto Alegre: EST, 1996; ALVES, Luiz Antônio. *O povo serrano – tema de palestras*. Porto Alegre: EST, 2002;

<sup>10</sup> COSTA, Licurgo. *O Continente das Lagens – sua história e influência no sertão da terra firme*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 52; SCHNEIDER, Ismênia Ribeiro. *Famílias Açorianas na Região Serrana de Santa Catarina: um estudo dos Souzas*. Estudo de Genealogia, 2004.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, op.cit. p. 29.

coronel Avelino Paim de Souza, com ascendência nas ilhas Terceira e do Faial; e a do Caraúno, que pertenceu a Luiz Ignácio Dutra, bisneto de açorianos da ilha do Faial<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Na sede da fazenda, encontra-se um “Diploma de agregação à devoção do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Oliveira”, conferido a Luiz Ignácio Dutra pela paróquia de Vacaria em 1907, o que reforça o fato da importância e permanência do culto ao Divino entre os açoriano-descendentes.

## MARCAS DE AÇORIANIDADE NA FORMAÇÃO ÉTNICA DE VACARIA

Na imensidão inóspita do planalto serrano do Rio Grande do Sul do século XVIII, das terras revestidas de pinheirais e povoadas de índios bravios e de feras, chegam os bandeirantes tardios. Começam a se delinearem os caminhos dos tropeiros paulistas que dão origem ao povoamento da Vacaria dos Pinhais – a Rainha do Planalto, como será chamada mais tarde.

Os traçados desses caminhos trazem paulistas e lagunenses que, unidos aos descendentes de açorianos vindos de Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo e Viamão, sobem a serra no intuito de desenvolverem a criação de gado e de cultivarem a terra, surgindo com isso as fazendas onde antes eram terras devolutas ou de sesmeiros ausentes que nunca haviam tomado posse das terras ganhas da Coroa.

“Manuel Duarte (1930), na obra “O Planalto”, refere que a partir do ano de 1750” . *se encontram e se fundem, na aventura inicial do acariaciado granjeio pastoril o retardatário descendente da estirpe incomparável dos bandeirantes e o obscuro plebeu da maruja bisonha das ilhas lusitanas*”. Pág.92.

Esse povo, cuja afinidade agrária faz parte do seu viver, dedica-se, além da criação de gado e da agricultura para consumo doméstico, ao cultivo do linho - cânhamo e do algodão.

Produzir alimentos era primordial para o sustento, mas o rigor do inverno no Planalto Serrano se impunha e tinham que buscar proteção também para o corpo, fazendo seus próprios tecidos.

Dalcin Barbosa (1978) diz sobre os povoadores de Vacaria, após as dificuldades paralelas ao povoamento preliminar:

*“Com exceção do trabalho agrícola, praticado desde o berço, a nova lida do campo, da pecuária, vai mudar agora os costumes dos pioneiros de Vacaria dos Pinhais. Agora é necessário aprender a arte de laçar, de domar, marcar, castrar, tirar leite, fabricar o queijo e, depois, iniciar a epopéia da vida de tropeiro, a fim de comercializar os rebanhos.”* Pág.23

É nesta situação que a mulher descendente de açorianos toma as rédeas da educação familiar; pois os homens estão geralmente em campanha; quer seja

com as tropas de gado, quer seja nas revoluções a defender o território para a integridade do Sul do Brasil.

A marca açoriana em vacaria é lembrada mais uma vez em Barbosa , op. Cit, quando cita Fernandes de Oliveira em “Habitantes da Sede”, em 1900, dando conta da relação de moradores, nacionalidade e profissão destes. Fala do traçado da Vila, onde destaca que “...na parte da frente, oeste da Praça da Igreja está o Império do Divino Espírito Santo”.

Esta é uma prova da presença açoriana. Diz ele ainda que muitas das casas que circundam a praça são ocupadas somente no tempo de festa. (subentende-se a festa da Padroeira, Nossa Senhora da Oliveira e a Festa do Divino).

Quanto às famílias que povoaram o Planalto, além dos Borges Duarte, cuja genealogia é apresentada por Carneiro Duarte (1981), destacamos os Oliveira, Lima Pereira, Borges Vieira, Rodrigues de Jesus e Teles de Sousa.

Podemos afirmar ainda que a identidade açoriana em Vacaria, quer seja na linguagem – principal elo entre as distâncias geográfica e temporal -, apontam falares do jeito açoriano, como “*Vai dandando*” (Duarte, op.cit.pág.56). Lembro que minha avó Celina Corrêa de Lima falava isto para chamar as crianças que davam os primeiros passos.

Neste mesmo texto – “Milagre”-, refere a benzeduras, feitiço, mesa dos inocentes, bem como a verbalização de substantivos a significar frases e expressões como “dominguear”, passear aos domingos.

Com esta breve explanação, queremos reforçar e contribuir com o resgate da identidade cultural e de pertencimento de um povo que tem suas raízes entrelaçadas às de outras etnias que fizeram e fazem o Rio Grande do Sul índio, negro e açoriano, até o primeiro quartel do século XIX.

E foi, por assim dizer, o Planalto, ponto de confluência dos povoadores vindos do norte e do sul, quando seguindo os caminhos dos tropeiros, tantas povoações foram fundadas e nelas a marca indelével do açoriano como base da nossa cultura.

# 11

## Vacaria, a mais longínqua ilha de Açores

*Vacaria dos Pinhais nascia para resolver os problemas dos Jesuítas com portugueses e espanhóis. Na ocasião, 1972, Pe. Lauro Nunes procurava um local até então inacessível aos povos “inimigos” que na antiga redenção dos lotes de gado situado entre a lagoa dos Patos e os rios Jacuí e Negro, já dava espaço aos surrupiadores que preocupavam o clero jesuíta.*

*Os padres já conheciam a região, local propício para os desejados fins, já que apresentava excelentes barreiras naturais, as quais dificultavam a dispersão do rebanho, além da segurança que esses obstáculos ofereciam perante o eminente risco de furto.*

*Apartir de 1713 os índios missioneiros adentravam o planalto com milhares de cabeças de gado.*

*Porém em 1718 contra o que imaginavam os jesuítas, os portugueses invadem os campos alheios e toda a “riqueza” dos missioneiros é levada. Pouco mais de dez anos depois a Estrada dos Conventos, que ligava o mercado bovino do Sul com o do Oeste brasileiro, começava a formar o povoado dos Campos de Vacaria.*

*No livro, Rainha do Planalto, segundo o qual, entre outros um dos troncos da povoação de Vacaria é: Antonio Manuel Velho e Ignácia de Jesus Velho, que leva o mesmo sobrenome de Gonçalo Velho um navegador português, cavaleiro professor da Ordem de Cristo e íntimo colaborador do Infante D. Henrique, que lhe é atribuído o povoamento das ilhas de Açores.*

*O fato é que indiscutivelmente a colonização portuguesa é bastante marcante em Vacaria, não é difícil encontrar algum transeunte das ruas de nossa cidade que não carregue consigo um nome português, como eu que sou Duarte, neto de Demoncel Lourenço Duarte que é filho de Teodoro de Souza Duarte descendente de Manuel de Souza Duarte citado como tronco da colonização de Vacaria.*

Desde os tempos mais antigos os seres humanos vêm tentando descobrir suas origens. Alguns procuram explicar o aparecimento dos humanos recorrendo aos ensinamentos religiosos; outros, à pesquisa científica. Sendo assim quero descobrir o desenrolar da chegada dos casais açorianos em Vacaria.

A origem do nome “Vacaria” vem da expressão castelhana “Baqueria”, era nome dado a grandes extensões de campos naturais onde os missionários Jesuítas das Reduções e dos Sete Povos das Missões colocavam seus rebanhos, para serem criados soltos, formando reservas para as suas estâncias.

Vacaria do Mar, localizada entre a Lagoa dos Patos e os rios Jacuí e Negro, havia sido pilhada por espanhóis e portugueses. Em 1702 para fugir destes conquistadores o Superior Provincial dos Jesuítas, Pe. Lauro Nunes, resolveu criar a Vacaria dos Pinhais, Baqueria de los Piñales, numa região que parecia não dar acesso a espanhóis e portugueses.

Uma região privilegiada, fortemente cercada por fronteiras naturais; ao levante, gigantesca muralha dos Aparados; ao Norte, o caudaloso rio Pelotas; ao Sul, a profundidade do rio das Antas; e, ao Poente, a imensurável floresta denominada Mato Português e Mato Castelhana. Região de incomparáveis belezas, de verdes campos, com abundantes matas e capões, quase sempre dominados pelo altivo pinheiro-araucária.

Em meados do século XVII começou a se realizar, por determinação das autoridades de Lisboa, uma bem sucedida experiência de colonização do tipo moderno mediante a fixação de famílias ao solo. Essa imigração em massa visava defender e povoar os atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pois a Coroa estava convencida que a melhor maneira de garantir a posse da terra era povoá-las. Assim, imigraram para o Brasil a partir de 1732 milhares de colonos ilhéus oriundos do arquipélago dos Açores.

Em 1620 as ilhas estavam super povoadas e a população vivia em extrema pobreza.

Antes da vinda dos casais imigrantes, açorianos avulsos chegavam ao território riograndense, como em 1748 em Laguna, 1749 em Rio Grande, 1752 no Porto de Viamão, depois denominado Porto dos Casais.

Por volta de 1780 havia no Estado cerca de 55% da população açoriano, destinados a ocupar as terras, cuja conquista dera pelo Tratado de Madri, os portugueses introduziram um revolucionário sistema de pequenas propriedades, na Grande Porto Alegre, ao invés de sesmarias. No Planalto, mais tarde denominado Campos de Cima da Serra, entretanto, a concessão de sesmarias fora feita ainda em 1738.

Lages, Viamão e Laguna eram os pontos mais próximos de Vacaria, que já existia como ponto de referência, pela ocupação espanhola, mas estava isolada por falta de estradas e qualquer outro meio de comunicação.

Em 1760, as terras da Capitania de Rio Grande de São Pedro foram divididas em quatro províncias, sendo assim estabelecidas: Nossa Senhora de Oliveira da Vacaria, Viamão, Rio Grande de São Pedro, e Rio Pardo.

Em meados de 1730, deveria haver alguns moradores junto ao passo de Santa Vitória. Já em 1740 fixavam-se aqui os primeiros povoadores, no ciclo do tropeirismo, tropeiros paulistas que fundaram Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Cruz Alta, Palmeira das Missões.

Os pioneiros sofreram terrível hostilidade por parte dos índios Goianos, mais conhecidos como Coroados. Os primeiros colonizadores foram obrigados a abandonarem seus campos, migrando para Lages e para a região das Missões.

Em consequência desta hostilidade indígena, Vacaria ficou despovoada por alguns anos, até que em 1780, novas levas de migrantes, provavelmente açorianos, decididos e bem armados, conseguiram fixar-se, fundando os primeiros estabelecimentos pecuários.

No ano de 1803, através do príncipe Regente de Portugal oficializou a divisão administrativa e judiciária em quatro municípios. Vacaria ficou pertencendo a Santo Antonio da Patrulha.

O primeiro porto de desembarque para a maioria dos açorianos que cruzaram o Atlântico foi Laguna, logo depois o ponto de partida dos pioneiros que se estabeleceram na antiga Vacaria. A ocupação sulista a partir de Laguna tinha o claro propósito de plantar novos centros populacionais nos imensos espaços vazios e cumprir o desejo de Lisboa que era garantir a posse da inabitada área. Território este rico em gado e cavalares, onde as matrizes haviam sido soltas para criarem-se alçadas pelas casas de Castela e pelas reduções missionárias que estabeleceram-se na região esta banhada pelo Rio Uruguai.

Antonio Borges Vieira, juntamente com sua esposa Tereza Rodrigues de Jesus, formam o marco inicial entre os pioneiros, com a união dos ramos portugueses e brasileiros. Chegaram em 1765, fixou residência no centro do planalto. O desafortunado casal viveu pouco tempo, mas o suficiente para ter mais nove filhos, estes casaram e multiplicaram-se. Em 1779 houve grande conflito com coroados, que infligiram continuado tormento às famílias açorianas, ataques que praticavam com pessoas e propriedades, obrigando assim o deslocamento de famílias, muitas não retornaram nem mesmo depois da nomeação do Coronel Joaquim José Pereira para proteger os portugueses.

Após a passagem deste conflito permaneceram seis casais considerando pioneiros e troncos vetustos das famílias, são eles Borges Vieira, Campos Bandemburgo, Rodrigues de Jesus, Sousa Duarte, Velho e Fernandes dos Reis, todos eles ligados por laços familiares entre si.

Estes casais não abandonaram seus domínios, nem mesmo durante os conflitos com os indígenas. Após a assinatura do Tratado de Madri, onde Espanha devolve as terras da região ao domínio português, jesuítas deixam Vacaria, mas ensinam os indígenas a lidar com o gado aqui existente.

Lodo depois chega a Vacaria um de seus fundadores, José de Campos Bandemburgo, nascido em Itu no estado de São Paulo, após alguns anos José de campos Bandemburgo é reconhecido como pai Adão de Vacaria.

Sendo assim a história remontada destes 243 anos da Colonização Açoriana nos Campos de Cima da Serra através de seus pioneiros José campos de Bandembugo, Antonio Borges Vieira, Manoel Rodrigues de Jesus e seus descendestes.

## A PRESENÇA AÇORIANA NA REGIÃO DE VACARIA

Os Açores localizam-se no Oceano Atlântico, são formadas por nove ilhas. A primeira ilha descoberta pelos portugueses foi a de Santa Maria em 1427, sendo que as outras são: São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico, Faial, Graciosa, Corvo e Flores. Os ilhéus tem seu interesse despertado pelo Brasil, a partir de galeões e caravelas que paravam nas ilhas, para abastecerem com carregamento de ouro, muitas vezes contrabandeados do Brasil. No período, os espanhóis estavam localizados no sul do Brasil, sendo uma ameaça constante as intenções portuguesas de expandir suas terras até o Rio da Prata. Portugal havia fundado a Colônia do Sacramento, e para dar sustentação a mesma, Laguna, mas precisava povoar extensas áreas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para garantir a posse de ambas e do sul do Brasil.

Devido o interesse dos açorianos pelo Brasil, o rei de Portugal resolveu realizar o transporte de casais, ou famílias açorianas para se localizarem a princípio no litoral de Santa Catarina, era objetivo povoar também o então continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. A princípio chegaram possivelmente 21 casais, com um total de 109 pessoas.

Desde a década de 1740, para alimentar a lógica defensiva portuguesa na área sulina, muitos açorianos estavam na região. Em 1750 pelo Tratado de Madri, a Espanha entregou para Portugal os Sete Povos das Missões, em troca da Colônia do Sacramento. Era preciso realizar a ocupação e povoamento da mesma, e também fomentar a emigração de açorianos, já que as ilhas estavam super povoadas e com falta de alimentação. Eles são trazidos para o Rio Grande do Sul, levados para Rio Pardo a retaguarda militar portuguesa. De Rio Pardo eles seriam espalhados pela área missioneira. Com a segunda invasão espanhola no Rio Grande do Sul em 1763, os açorianos espalharam-se por todo o Rio Grande do Sul. Eles chegam a Santo Antonio da Patrulha, Conceição do Arroio (Osório), a Encruzilhada, Triunfo e Taquara, vindo associar-se aos já açorianos espalhados pelo Rio Grande do Sul, descendentes das levas da década de 1740, que inclusive a partir de Santa Catarina haviam migrado para o Rio Grande do Sul, trazendo consigo a agricultura.

É neste contexto que chegamos a região de Vacaria, quando a mesma por fazer parte do quadrante missioneiro como reserva de gado, constituiu-se na chamada Baqueria de los Pinares. Esta vai ser alvo de portugueses e seus

descendentes, inclusive açorianos, que através dos caminhos criados no período do ciclo do tropeirismo, vão ocupar suas terras. Na ocupação de Vacaria vamos encontrar troncos genealógicos, que em suas origens também ligam-se aos Açores. Dentro desta ligação alguns sobrenomes que vão aparecer na região de Vacaria, tem sua origem nas Ilhas. Os nomes de casais açorianos do primeiro grupo instalado na Rua Velha em Rio Pardo, possuem similares em Vacaria: Domingos Pereira Henrique, Inácio Rodrigues Paes, Pascoal da Silveira, Manuel Gulart, José Gonçalves de Souza, José da Silveira, Manoel Vicente Rodrigues, Manoel de Azevedo, Francisco Antônio de Menezes, Inácio de Moraes e Manuel de Azevedo.

Na genealogia citada por José Fernandes de Oliveira, no livro Rainha do Planalto, muitos troncos genealógicos descritos por ele, e que são os formadores da grande maioria da população que ocupou a região de Vacaria, estão conforme os citados anteriormente. Dentre eles está Antonio Borges Vieira e sua esposa Tereza Rodrigues de Jesus. Ele com mais dois cunhados de nome Francisco e José Rodrigues de Jesus, migraram de Laguna para a região de Vacaria. Além deles temos Manoel Rodrigues de Jesus, que vai tornar-se o titor dos filhos de Antonio Borges Vieira após a morte deste, por ser tio dos mesmos.

Manoel Rodrigues de Jesus, vai em Vacaria ligar-se ao tronco Campos de Bandenburgo, ao casar-se com a filha da mesma Clara Jorge da Silva. Vão acontecer muitos outros casamentos que ligarão algumas pessoas de Vacaria com pessoas originárias dos Açores. É o caso de Maria Rodrigues de Jesus, filha de Manoel e Clara, que casou com Manoel de Souza Duarte, citado por José Fernandes como originário da Ilha da Madeira. Assim, açorianos deixam sua marca na evolução genealógica da população, como em alguns costumes e tradições. Não se percebe a presença açoriana nas construções locais, sendo as mais antigas de origem portuguesa pura. Alguns imigrantes açorianos que chegaram à região, vão mesclar-se por casamento à população local, de origem portuguesa pura. Um caso típico açoriano da região é a família Paim, que tem sua origem em Simão Paim de Andrade, que faleceu em 18/07/1814, sendo natural da Ilha Terceira. Simão e alguns irmãos formaram o tronco da família Paim no Rio Grande do Sul. Entre os descendentes de Simão Paim, encontramos em Vacaria Normélio Rodrigues Paim, criador de gado da raça Devon em Vacaria.

É possível que a grande herança açoriana da região de Vacaria esteja centrada na Festa do Divino e na Corrida das Cavalhadas. Esta era realizada no

final da festa mais tradicional da Vila, a Festa do Divino. Foi copiada de costumes europeus, visualizando disputas entre mouros e cristãos. Era corrida em frente a Igreja, na praça, em sua parte aberta, sem árvores e fios de arame.

## A VACARIA LENDÁRIA – O TERCEIRO TRONCO

Uma casa Portuguesa, com certeza!

Segundo José F. de Oliveira, no Livro Rainha do Planalto, são considerados Troncos Pioneiro da Vacaria dos Pinhais seis famílias: José Campos Bandenburgo e Maria do Rego Melo, Manoel Rodrigues de Jesus e Clara Jorge da Silva, Antônio Borges Vieira e Tereza Rodrigues de Jesus, Manoel de Souza Duarte e Maria Rodrigues de Jesus, Antônio Manoel Velho e Inácia de Jesus Velho, Inácio Fernandes dos Reis e Páscoa Fernandes de Oliveira. O planalto da Vacaria naqueles tempos era povoado de gado, oriundos das regiões missioneiras trazidos pelos índios guaranis se procriariam em grande quantidade, protegidos pelos rios Pelotas e Antas, uma imensa floresta de pinheiros e os penhascos dos Aparados.

É fato que havia moradores em alguns pontos do interior vacariano já em 1740, provavelmente deixados pelos tropeiros como posteiros para cuidar do gado. Verdadeiros heróis lutando contra índios ferozes, e tigres que existiam em grande número, esses tropeiros pioneiros foram Cristóvão Pereira e Faria e Souza.

A cidade formou-se onde mais tarde seria sesmo de Manoel Rodrigues de Jesus no dia 8 de Setembro de 1750 num local entre o rio Uruguazinho e Carazinho foi encontrada a imagem de N.S.da Oliveira, que é de invocação de origem portuguesa. Manoel Duarte relata na Lenda sobre a imagem da Santa que várias vezes o padre tentou levar a imagem para Viamão a imagem no outro dia aparecia no mesmo lugar. Hoje no lugar existe belo Oratório e a Santa tornou-se padroeira do povo da Vacaria. Acorreram de Laguna e de São Paulo, sabendo da região reúna sem dono com imensidade de gado segundo relato dos tropeiros Cristóvão Pereira, Farias e Souza, famílias inteiras com parentes e vizinhos com seus escravos partem dispostos a enfrentar os íngremes caminhos da serra e transpor rios de perigosas corredeiras em canoas de couro (pelotas). Não bastasse as agruras da viagem teriam que enfrentar os temíveis índios, muitos pereceram pelos caminhos, os que chegaram as planos, escolheram as terras e traçam linhas divisórias rios e restingas. Além das dificuldades tem que enfrentar os primitivos habitantes do lugar índios Guaianás e Botocudos donos absolutos do descampado. Causas da colonização açoriana. No arquipélago a explosão demográfica e a escassez de terras aráveis constituem problema para o reino a solução estaria em promover a imigração para a colônia onde havia grande extensão de terras e colonizar a região até então inóspita. As primeiras levas foram em 1747, 1748 e 1750 neste ano foi assinado o tratado de Madri na qual a Coroa da Espanha devolve o território das missões a Portugal, várias famílias são de origem açoriana, cito (Demétrio Dias de Moraes) as seguintes famílias: Teles de Souza, Loureiro do Amaral, Mariano Pimentel Rodrigues de Lima, Lourenço de Lima, Antônio de Matos, Mendes de Araújo, Luz, Bueno de Camargo, Pereira de Oliveira, Moreira de Mello .

### TERCEIRO TRONCO BORGES VIEIRA – RODRIGUES DE JESUS

Antônio B. Vieira era natural de Lisboa, casou com Tereza R. de Jesus, filha da Lagunense Vitória de Jesus e do Português Gabriel Rodrigues, chegou em 1765 formou um sítio com duas léguas de fundo por uma légua de frente a qual chamou de Fazenda Sant'ana, mais tarde fazenda dos Órfãos. morreu em 1776 e ela em 1777, deixou dez filhos menores aos cuidados de Manoel Rodrigues de Jesus Irmão de Tereza. Antônio Borges Vieira- Nat. de Laguna-13 anos , Maria B. Vieira- Nat. de Vacaria a Primeira Vacariana-12 anos, João B, Vieira- o Primeiro vacariano-11 anos , Paula Borges Vieira-10 anos , Tereza B. Vieira - 9 anos, José B. Vieira-6 anos , Antonia M. Vieira-5 anos , Rosa B. Vieira-4 anos , Francisco B. Vieira-2 anos , Ana B. Vieira -5 m.

João Borges Vieira, filho de Antônio Borges Vieira e Tereza Rodrigues de Jesus casou com Francisca Xavier Ribeiro filha de Antônio Pinto Ribeiro natural de Curitiba e Perpétua Angélica Xavier natural das Minas Gerais. Antonio P. Ribeiro foi donatário da Sesmaria do Bom Retiro, que tinha quatro léguas de comprimento por uma de largura. Filhas: Tereza Pinto Ribeiro e Francisca Xavier Ribeiro.

João Borges Vieira casou com Francisca Xavier Ribeiro filhos: Manoel Borges Vieira c/ Gabriela Maria Correia de Almeida, Rosa Borges Vieira c/ José Luis Teixeira, Bárbara Borges Vieira c/ João Mariano Pimentel, Donaciana Borges Vieira c/ José Nunes da Silva, Rita Borges Vieira c/ Eduardo José de Almeida, Inácia Borges Vieira c/ Manoel Ferreira de Souza, Felisberta Borges Vieira c/ Serafim Oliveira, Ana Borges Vieira c/ Gabriel Correia de Almeida, João Borges Vieira c/ Gabriela Correia de Almeida, Antônio Borges Vieira c/ Tereza Pinto Ribeiro.

Rosa B. Vieira Filha de João B. Vieira e Francisca X. Ribeiro casou com José L. Teixeira (Cel. Zé Luis) Nat de Cachoeira do Sul . José L. Teixeira Tenente Cel. da G. N. de Vacaria. Dez filhos, a Terceira Geração: Virginia M. Teixeira casada com Antônio F. Rodrigues, Virgolina M. Teixeira c/ Luis Augusto Branco, Mafalda M. Teixeira c/ Cap. José Bernadino Lemos, Josefa M. Teixeira c/ João A. Ferreira, Antônio Luis Teixeira c/ Maria do Espírito Santo (Paraná), José L. Teixeira Junior c/ Ana C. da Silva, Francisco L. Teixeira c/ Emilia Carneiro Lobo, Joaquim L. Teixeira c/ Ana Rodrigues Barbosa viúvo casou com Alípia Faustino de Oliveira, Luis José Teixeira s/ desc. , Afonso Luis Teixeira s/ desc..

Seguindo a ordem da árvore genealógica chegamos Francisco Luis Teixeira filho de Rosa Borges Vieira e José L. Teixeira casado com Emilia C. Lobo filha de Joaquim C. da Silva Lobo e Ana Pinheiro natural de Castro. Tiveram, sete filhos a Quarta Geração: Rosa L. Teixeira c/ Firmino Fonseca, Vergílio L. Teixeira c/ Ricarda M. Teixeira, Marcolina L. Teixeira c/ Paulino C. dos Santos, Luis João Teixeira c/ Francisca Teixeira, Celecina M. Teixeira c/ Manoel F. de Lima, Orlando L. Teixeira c/ Rita de Oliveira Porto, Pureza L. Teixeira c/ Franquilim Bernardes em segundas núpcias c/ Vergílio Marques Pacheco.

Vergílio Luis Teixeira filho de Francisco L. Teixeira e Emília Carneiro Lobo, casado com Ricarda M. Teixeira. Filhos: Dautina Maria Teixeira casada com Patrocínio Borges Correia, Luisa Maria Teixeira c/ Astrogildo Luis Teixeira, Virginia Maria Teixeira c/ Cirino Borges do Amaral, Amélia Maria Teixeira c/ Salvador Lima, Francisco Luis Teixeira Primo c/ Alzira Cabral de Cordova, Otávio Luis Teixeira c/ Otilia Carneiro.

Francisco L. Teixeira Primo Natural de Esmeralda. Filho de Vergílio L. Teixeira e Ricarda M. Teixeira casado com Alzira Cabral Teixeira filha de José C. de Cordova e Ana de Cordova, nat. Campo Belo . , Filhos: Iolanda Maria Teixeira casada com Francisco C. de Lima, Maria E. Santo Teixeira c/ Fidelcino C. de Lima, Vergílio Cabral Teixeira c/ Tereza B. Nunes, Vivaldo L. Teixeira c/ Ofélia Teixeira, Amadeu L. Teixeira c/ Orandina Teixeira, Ana R. Teixeira c/ Dirceu Tolotti, Aurora M. Teixeira c/ Ennio Marques, Romeu L. Teixeira c/ Jandira L. Rosa Teixeira, Ulisses L. Teixeira c/ Clarinda, Lauro C. Teixeira c/ Delminea Teixeira.

Romeu Luis Teixeira, filho de Francisco L. Teixeira Primo e Alzira C. Teixeira Casado com Jandira L. Rosa Teixeira, Dez Filhos: Paulo Roberto Teixeira casado com Clarisse Petry, Ana M. Teixeira do Nascimento c/ João T. Nascimento, José C. Teixeira c/ Arlete G. Teixeira, João F. Teixeira c/ Janaina Waraschin, Antônio F. Teixeira c/ Márcia Sgarbi, Nair T. Teixeira-solteira, Alzira de F. Teixeira- solteira, Vera Lucia Teixeira c/ Roberto Sgorla, Marta M. Teixeira – sol. André Luis Teixeira – solteiro.

## O LEGADO DE ANTONIO BORGES VIEIRA & TERESA RODRIGUES DE JESUS

Faz frio, muito frio em Vacaria. As ruas estão tranqüilas, desertas. Tudo está mais cinzento e lúgubre nesta manhã de Julho. Caminho solitária pela rua, tudo ao redor lembra um passado distante, repleto de histórias, onde muitas vezes os moradores a ignoram. Neste local onde estou, mais precisamente na rua Ramiro Barcelos, onde hoje existe uma agência bancária, foi o primeiro cemitério que Vacaria teve. Conforme José Fernandes de Oliveira em um dos seus inéditos diários, ele relata que “em escavações realizadas no local da Casa Inca, ao lado do Cine Guarani, já foram encontrados ossos humanos, pois segundo tradição oral, sabe-se ter sido ali, o primeiro cemitério de Vacaria, onde foram sepultados os primeiros do povoamento do Planalto Soberbo”. Segundo o relato estariam sepultados José de Campos Bandemburgo, Manoel Rodrigues de Jesus, Clara Jorge da Silva e em especial o casal Antonio Borges Vieira e Teresa Rodrigues de Jesus, dos quais sou descendente. Sempre tive muita curiosidade a respeito de meus ancestrais, por isso pesquisei a genealogia de minha família há cinco anos, uma busca árdua e constante, porém muito gratificante. Tenho muito orgulho de ser descendente de Antonio Borges Vieira e de Teresa Rodrigues de Jesus, responsáveis pelo marco inicial das famílias vacarianas.

Antonio Borges Vieira era natural de Lisboa, Portugal, que veio no século XVIII para o Brasil, fixando-se em Laguna (SC), onde contraiu núpcias com a filha de açorianos Teresa Rodrigues de Jesus. No ano de 1765 chegam em Vacaria, assim como outros, Antonio Borges Vieira juntamente com sua esposa Teresa Rodrigues de Jesus, seu primogênito Antonio e dois cunhados Francisco e José Rodrigues de Jesus.

Segundo Manoel Duarte em seu livro No Planalto (pág.17) “A estas paragens predestinadas, préstoprésto afluíram lagunenses e paulistas sem conto, seguidos concomitantemente de considerável núcleo de migrantes açorianos”, deixando claro a presença dos migrantes açorianos em Vacaria. A pequena família estabeleceu-se na chamada Fazenda Sant’Ana, e mais tarde também conhecida pelo nome de Fazenda dos Órfãos, conforme pesquisas em andamento, esta fazenda está localizada no interior de Bom Jesus, próxima ao Rio Santana, hoje denominada Fazenda da Ronda, antigo pouso de tropeiros. O casal Antonio e Teresa tiveram nove filhos vacarianos: Maria, João, Paula, Teresa, José, Antonia Maria, Rosa, Francisco e Ana. Mas o inevitável aconteceu, no dia 10 de dezembro de 1776

faleceu Antonio e no dia 8 de abril de 1777 faleceu sua esposa Teresa deixando dez filhos órfãos, que ficaram sob a tutela dos tios Manoel Rodrigues de Jesus e sua esposa Clara Jorge da Silva proprietários da Fazenda do Socorro. Dessa numerosa família destaca-se o terceiro filho do casal, João Borges Vieira, nascido em Vacaria, onde casou-se com Francisca Xavier Ribeiro. Tiveram os seguintes filhos: Manoel, Rosa, Bárbara, Donaciana, Rita, Inácia, Felisberta, Ana, João e Antonio. Manoel Borges Vieira o filho mais velho do casal João e Francisca, contraiu matrimônio com Gabriela Maria Corrêa de Almeida onde tiveram sete filhos. Manoel Borges Vieira conforme óbito encontrado na Cúria Diocesana de Vacaria, faleceu no dia 28 de Março de 1872, com 73 anos de idade, tendo como causa de sua morte hidropisia. Dos filhos de Manoel destaca-se Gertrudes Borges Vieira que foi minha tetravó materna. Gertrudes Borges Vieira casou-se no dia 11 de setembro de 1852 com Joaquim Genitãe Battalha natural da Lapa (PR), proprietários da Fazenda da Ramada, onde segundo o atestado de óbito de Joaquim, encontrado no Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Vacaria, o mesmo faleceu no dia 26 de abril de 1898, com a assistência de um curandeiro, pois na época existiam muitos na região e foi sepultado no cemitério da família no lugar denominado Morro Grande, até pouco tempo o cemitério existia, mas o desrespeito com a história e a memória dos finados prevaleceu, e o mesmo tornou-se lavoura de soja.

Da união de Joaquim e Gertrudes, houveram seis filhos: Irineu, Leopoldina, Porcínia, Francisca (esposa de Alexandre de Góis Vieira, o Alexandre Pato, de Lagoa Vermelha), Carolina e Betânia. Dentre estes destaca-se Leopoldina Borges Vieira que casou-se com o lagunense Athanázio Rodrigues da Silva gerando meu bisavô Pedro Rodrigues da Silva, pai de minha saudosa avó Videlvina Rodrigues Lisboa.

As nossas raízes raramente são importantes para os jovens. Apenas quando seus filhos começam a se parecer com seus predecessores, você começa a perguntar-se sobre os elos distantes de sua origem ancestral, Edmund Burke chamou isso de “a grande corrente dos vivos e dos mortos”.

## MARCAS DA PRESENÇA AÇORIANA NA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DE OLIVEIRA DA VACARIA: entre a História e o Mito

*Um dos erros da cultura e erudição convencional é insistir numa distinção rigorosa e artificial entre História e “Mito”. Segundo essa distinção, História é somente aquilo que é um fato documentado – dados passíveis de serem submetidos a uma investigação e exame quase científico, que resistirão a diversos testes e, por meio deles, provarão que algo “aconteceu de fato”. Por outro lado os “Mitos” são rejeitados como irrelevantes ou incidentais á História. Os “Mitos” são consignados ao reino da fantasia, á poesia e a ficção. Os “Mitos” estão fadados á serem o falso embelezamento ou a falsificação de um fato, uma distorção da História e, portanto, algo a ser excluído ou extirpado. Mas para as pessoas que originalmente criaram aquilo que mais tarde poderá vir a ser considerado “Mito”, não havia essa distinção. Conforme a extensão com que os mitos inflamam a imaginação e permanecem vivos na vida imaginativa das pessoas, mesmo personagens e acontecimentos históricos migram lentamente para “Mitos”. Afinal a “realidade” histórica pode ser discernida entre os elementos do mito, mas não pode, ser separada dele. São exatamente os elementos do mito que nos tornam tão interessados na “realidade” histórica.*

*A memória tem papel decisivo, quase mitológico, na definição de uma determinada identidade social. O historiador aparece, num certo sentido, como adversário dessa memória mítica. Ele tem por função desmistificar essa memória mitológica, fazendo da história uma contramemória. Eis uma questão que se insere nesse contexto rivalizado entre “História” e “Mito”: “será Vacaria açoriana?”*

*No trabalho aqui realizado, procurei investigar alguns vestígios que pudessem levar-me á responder á essa pergunta, já que não há consenso entre historiadores da região quanto a uma migração de colonos açorianos na região do planalto no século XVIII, alguns inclusive classificam essa migração como mais um mito pertencente á história de Vacaria.*

*Segundo o escritor Manuel Duarte nos campos de cima da serra misturavam-se vários tipos étnicos, “o sóbrio lagunense agricultor, o português ibérico e o insulano das ilhas atlânticas”, em outra passagem de seus registros volta a citar uma vez mais o povo das Ilhas, declarando que uma “corrente migratória, jágora acrecida de açorianos e autênticos paulistas” se assentavam no planalto que viria a ser denominado na época como Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria.*

*Numa pesquisa realizada nos livros de batismo na Cúria Diocesana de Vacaria pude encontrar mais indícios que contribuíram para minha resposta. No primeiro livro de batismos que inicia em 1769 e vai até o ano de 1831, desde que Vacaria foi elevada à categoria de Freguesia em 1768, conforme documento encontrado na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, são indicados os vários lugares de onde vieram às pessoas que formaram o povoado que viria a dar surgimento à cidade de Vacaria. Em sua grande parte os moradores da freguesia eram migrantes dos lugares onde ocorreu uma imigração açoriana, como: Laguna, Ilha de Santa Catarina(Florianópolis), Santo Antônio da Patrulha e Viamão. Mas também vieram colonos de outras vilas e freguesias os quais não eram provenientes dos Açores, como; Sorocaba, Castro, Curitiba, Lapa e Lages.*

*A conclusão á que cheguei é simples e clara, houve sim uma migração açoriana como mostram os documentos, a resposta para a pergunta acima é que sim parte de Vacaria é açoriana mas parte dela não o é, sendo ela colonizada na segunda metade do século XVIII por outras etnias que em conjunto com os açorianos fizeram parte da historia de Vacaria. Mas na verdade nem sempre a documentação é suficiente para reconstruir os fatos com fidelidade, permanecendo ainda muitos dos enigmas históricos.*

*O que devemos perceber é que os “mitos” de um povo ou de uma cultura – o exagero e o floreio, e mesmo a absoluta falsificação e invenção – não são puramente gratuitas e disparatadas. Ao contrário, elas dão testemunho às necessidades e lacunas subjacentes; nesse sentido, elas são, exatamente em suas mitificações, não apenas “verdades” mas também declarações reveladoras e informativas, que contêm indícios e pistas vitais ao entendimento. E, no sentido de servirem para cristalizar uma identidade coletiva ou de autodefinição, elas criam uma nova verdade – ou algo que se torna “verdade”. E aí está á inseparabilidade entre o mito e tudo aquilo que chamamos de História. Em qualquer ato de interpretação, um elemento mítico, necessariamente, entra em jogo. Assim o mito é uma parte inseparável da história.*